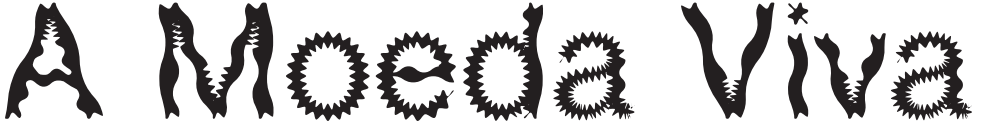


GALERIA QUADRUM

16.05–08.09.2024



curadoria

Maria do Mar Fazenda

com

Ângela Ferreira, António Contador & Carla Cruz,
Cildo Meireles, Fábio Colaço, Filipa César,
Filipe Pinto, Isa Toledo, Isabel Cordovil,
Leonor Antunes, Lourdes Castro,
Luís Paulo Costa, Mauro Cerqueira,
Nuno Henrique, Pedro A.H. Paixão, Rita GT



A Moeda Viva

Esta é uma exposição sobre o dinheiro, não sobre as questões de financiamento das artes – ainda que este seja um assunto inseparável de qualquer produção artística –, nem tão pouco sobre o mercado da arte – ainda que tanto a exposição quanto as obras de arte nela expostas não estejam separadas dele. Também não aborda as questões laborais no mundo das artes ou a precariedade financeira em que vivemos. No entanto, este último ponto foi um motivo para a conceção desta curadoria. Numa entrevista recente a Lília Schwarcz, lida na plataforma *Buala*, a historiadora, antropóloga e curadora brasileira cita o curador Mário Pedrosa que dizia: “em tempos de crise, fique próximo de um artista”. Este conselho faz uma ressonância especial com o percurso de pensar esta exposição – os artistas participantes, as obras selecionadas e aquilo que as obras de arte nos revelam.

Trata-se de uma exposição que tem dois pontos de partida: o ensaio de Pierre Klossowski *La Monnaie vivante* (1970) – de onde se empresta o título para a exposição – e o filme *L'Argent* (1983) de Robert Bresson. Ambas as obras abordam o tema do dinheiro de um modo moralizante, ainda que de formas distintas. Em Klossowski por via de uma lógica subversiva e no caso de Bresson seguindo uma crença fatalista (assim como Tolstói, já que o filme adapta um conto do autor russo). A presente exposição não é o resultado da soma destas duas partes, mas prossegue a inquietação da procura na arte do que pode representar e qual é a representação desta convenção a que chamamos dinheiro que tanto nos circunscreve como nos descreve.

A Moeda Viva reúne obras de dezasseis artistas de diferentes gerações. A grande maioria das obras já se encontravam produzidas. Algumas delas pertencem a coleções museológicas e privadas, mas também institucionais, nomeadamente a de um banco. Assim como há obras que integraram mostras apresentadas em primeiro lugar no Museu do Dinheiro. Se em certos artistas o tema do dinheiro é recorrente no seu trabalho, outras obras são casos isolados no percurso desses artistas.

Há ainda o caso dos artistas que reconfiguraram as suas peças (alterando dispositivos de apresentação ou acrescentando versões a séries de trabalho) para esta exposição. As obras que compõem *A Moeda Viva* utilizam o dinheiro como material, como imagem, como ideia, outras ainda desfiguram e alteram o seu uso. A analogia da curadoria, e em particular a da montagem de uma exposição, com a montagem cinematográfica é apelativa. Mas numa exposição coletiva a produção de novos sentidos provocada por uma obra que é colocada ao lado de uma outra e de uma outra é ainda mais expressiva. As aproximações entre obras seguiram diferentes lógicas de afinidade ou de diálogo, mas também se fizeram por meio de tensões ou discrepâncias. Se o fio vermelho que uniu a seleção das obras (*a priori* estrangeiras entre si) era evidente, o avizinhamiento entre elas traça novos territórios de sentido e possibilidades de leitura de cada uma, assim como das relações produzidas entre si.

A narrativa da exposição propõe um percurso por um conjunto de obras que reinventam várias dimensões do dinheiro. A moeda é na sua essência símbolo de troca, assim como câmbio e transformação são gestos recorrentes dos artistas através dos quais procuram dar a ver, sem nunca revelar por completo, aquilo que nos escapa.

– Maria do Mar Fazenda

O dinheiro é uma entidade simbólica aceite pela esmagadora maioria da população. O dinheiro, isto é, as notas e moedas, funciona como um substituto do valor das coisas. Esta ligação abstrata – do papel das notas e dos metais das moedas – a todas as coisas é surpreendentemente ténue embora perene, pois não se vislumbra uma revolução tal que provoque a desvinculação dos termos. Reconhece-se facilmente o carácter pernicioso e um pouco absurdo do dinheiro se se pensar que estes pedaços de papel ou metal constituem um dos principais fitos da maioria das acções humanas. Todo o trabalho e esforço despendidos por toda a humanidade tem como troca aquele papel simbólico que depende apenas de um acordo tácito, tão esquecido como presente e real, que determina que certas coisas valem certas quantidades de notas (papel) e moedas (metal).

A forma física do dinheiro tem um carácter explicitamente cínico; senão vejamos: as moedas, sempre com um valor minguido, escasso, são praticamente indestrutíveis, para além de, quando as deixamos cair, fazerem barulho, um alerta, tilintam. Já as notas, que podem chegar ao valor de um vencimento mensal – como é possível, justificável, defensável ter todo um mês de vida encafuado num pedaço de papel simbólico? –, são totalmente destrutíveis – rasgam-se, queimam-se, amarrutam-se, etc.; e uma nota não cai, voa. O papel do papel do dinheiro é isso mesmo, um papel – *role* – uma representação.

As notas são, como se percebe, o mais poderoso símbolo do dinheiro (ele próprio já simbólico) – são voláteis, podem desaparecer sem deixar rasto, passam de mão em mão, para assim potenciar a economia, manter o jogo jogável. O cinismo do dinheiro resume-se a isto: notas valiosas e silenciosas, leves e destrutíveis; moedas vulgares, ruidosas, pesadas e indestrutíveis. No dinheiro parece estar tudo ao contrário – o que dura mais deveria ser o mais valioso, o que dura menos, o menos.

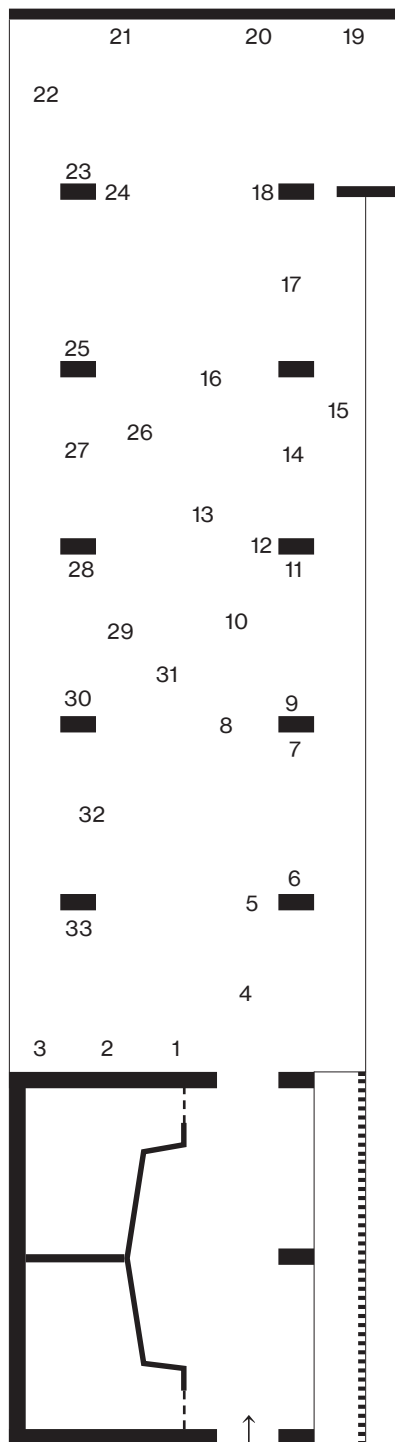
As notas são sub-reptícias, enquanto as moedas são claras; a sub-repticidade das notas serve para lhes camuflar a existência e valor; como se não existissem, como se não tivessem valor nenhum. A leveza das notas serve para facilitar a acumulação; pelo contrário, como acumular quilos e quilos de moedas até conseguir perfazer uma fortuna? A leveza das notas facilita-o.

A nota não tem espessura; o que a caracteriza e diferencia é a absoluta densidade de valor convencionado – muito mais do que a absoluta densidade do ouro e a absoluta densidade do diamante. Nuns brevíssimos gramas de papel simbólico podem esconder-se quinhentos euros, mil dólares, um dia de vida farta, um mês de vida apertada. O valor real (material) de uma moeda aproxima-se muito mais do seu valor simbólico (valor de face, convencionado) do que o valor real de uma nota. Quanto custa uma moeda de um cêntimo? Quanto custa uma nota de vinte euros?

O dinheiro é um meio, é certo, mas por vezes acaba por ser igualmente um fim em si mesmo – por isso se amealham quantias astronómicas, quantias essas que nunca serão gastas pelos seus donos; e é nesta situação que finalmente o dinheiro readquire o seu verdadeiro e congénito carácter simbólico.

– Filipe Pinto, *Dinheiro* in revista *Economia Social – Leituras & Debates*, n.º 6, Setembro 2019.

ÂNGELA FERREIRA (1958, Maputo, Moçambique. Vive e trabalha em Lisboa.)
ANTÓNIO CONTADOR (1971, Vitry-sur-Seine, França. Vive e trabalha em Paris.) &
CARLA CRUZ (1977, Vila Real, Portugal. Vive e trabalha no Porto.)
CILDO MEIRELES (1948, Rio de Janeiro, Brasil. Vive e trabalha no Rio de Janeiro.)
FÁBIO COLAÇO (1995, Lisboa, Portugal. Vive e trabalha em Lisboa.)
FILIPA CÉSAR (1975, Porto, Portugal. Vive trabalha em Berlim.)
FILIPE PINTO (1975, Lisboa, Portugal. Vive e trabalha em Lisboa.)
ISA TOLEDO (1990, São Paulo, Brasil. Vive e trabalha em Lisboa.)
ISABEL CORDOVIL (1994, Lisboa, Portugal. Vive e trabalha em Lisboa.)
LEONOR ANTUNES (1972, Lisboa, Portugal. Vive e trabalha em Berlim.)
LOURDES CASTRO (1930–2022, Funchal, Madeira.)
LUÍS PAULO COSTA (1968, Abrantes, Portugal. Vive e trabalha entre Abrantes e Lisboa.)
MAURO CERQUEIRA (1982, Guimarães, Portugal. Vive e trabalha no Porto.)
NUNO HENRIQUE (1982, Funchal, Madeira. Vive e trabalha entre Funchal, Lisboa e Nova Iorque.)
PEDRO A.H. PAIXÃO (1971, Lobito, Angola. Vive e trabalha entre Lisboa e Milão.)
RITA GT (1980, Porto, Portugal. Vive e trabalha entre Viana do Castelo e Luanda.)



1.
LOURDES CASTRO
Sombras e chocolates (moedas), 1974
 Lápis de cor, pratas de chocolates e papel de lustro colados sobre papel
 32 x 49,5 cm
 Col. Fundação de Serralves - Museu de Arte Contemporânea, Porto

2.
ISABEL CORDOVIL
Schrödinger (99), 2024
 99 raspadinhas emolduradas
 100 x 80 cm
 Cortesia da artista

3.
ISA TOLEDO
Pick a card da série *One in/A/Million/Aire*, 2021
 Tinta sobre impressão a jato de tinta
 43 x 23,7 cm
 Cortesia da artista

4.
FÁBIO COLAÇO
Welcome (500€), 2019
 Impressão UV sobre tapete cairo, 130 x 70 cm
 Cortesia do artista

5.
FILIPE PINTO
Vénus, 2020 - 2024
 200 moedas com a efígie de Vénus, fita cola de dupla-face, nylon, epóxi
 200 x 2 x 0,5 cm
 Cortesia do artista

6.
ÂNGELA FERREIRA
S/ título (da série *Diamantes*), 2018
 Pastel seco e grafite sobre papel
 45,3 x 60,4 x 3,5 cm
 Col. CAM - Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa

7.
LUÍS PAULO COSTA
Dois cafés X, 2024
 Duas placas de pavimento flutuante laminado, óleo sobre tela, acrílico sobre molde em gesso, acrílico sobre moedas
 31,5 x 40 x 45,5 cm
 Cortesia Galeria 111, Lisboa

8.
LUÍS PAULO COSTA
Dois cafés VI, 2024
 Dois tijolos, uma placa de MDF, óleo sobre tela, madeira, acrílico sobre moedas
 34 x 25,2 x 25,2 cm
 Cortesia Galeria 111, Lisboa

9.
ANTÓNIO CONTADOR & CARLA CRUZ
Finding Money, novi-coin "Paris" (frente), 2013
 Impressão digital em papel Ilford Gold Silk, 110 x 86 cm
 Edição 1/5
 Col. Pedro Santos

10.
LUÍS PAULO COSTA
Dois cafés II, 2022
 Caixa de sapatilhas, uma resma de folhas de papel, óleo sobre tela, acrílico sobre moedas, 17 x 25 x 35 cm
 Coleção particular

11.
ANTÓNIO CONTADOR & CARLA CRUZ
Finding Money, novi-coin "Paris" (verso), 2013
 Impressão digital em papel Ilford Gold Silk, 110 x 86 cm
 Edição 1/5
 Col. Pedro Santos

12.
LUÍS PAULO COSTA
Dois cafés I, 2022
 Placas de MDF, uma resma de folhas de papel, óleo sobre tela, acrílico sobre moedas, 15 x 27 x 31,5 cm
 Coleção particular

13.
LUÍS PAULO COSTA
Dois cafés IX, 2024
Placas de isolamento XPS poliestireno, placas de pavimento flutuante laminado, acrílico sobre tela, óleo sobre tela, acrílico sobre moedas
22 x 34,5 x 20,5 cm
Cortesia Galeria 111, Lisboa
14.
NUNO HENRIQUE
Metal invertido, 2016 - 2024
Som, colunas, 65 ficheiros de som reproduzidos em modo aleatório, 5' 57"
Cortesia do artista
15.
NUNO HENRIQUE
Edição de 3 postais para a exposição *A Moeda Viva*, 2024
Impressão digital com picote, 300 exemplares 41,8 x 10,5 cm (cada)
Desenho gráfico de Dayana Lucas
Cortesia do artista
16.
LUÍS PAULO COSTA
Dois cafés IV, 2023
Placas de gesso laminado, uma resma de folhas de papel, óleo sobre tela, acrílico sobre moedas
21,5 x 24 x 34 cm
Cortesia Galeria 111, Lisboa
17.
PEDRO A.H. PAIXÃO
Nomismata (1- 40), 2011- 2017
Lápis de cor sobre papel, dimensões variáveis 40 elementos
Col. Figueiredo Ribeiro
18.
CILDO MEIRELES
Inserções em Circuitos Antropológicos - Zero Dollar Zero Cent, 1974 - 1978
Notas, moedas
41,5 x 33,5 x 3 cm
Col. Fundação de Serralves – Museu de Arte Contemporânea, Porto
19.
ISA TOLEDO
The Nature of things ammy bobs da série *Pick a card, any card*, 2021
Tinta sobre papel fotocópia
100 x 77 cm
Cortesia da artista e da Galeria Miguel Nabinho, Lisboa
20.
FILIPA CÉSAR
Espírito Santo (caixa-forte), 2003
Lamba print sobre alumínio
120 x 180 cm
Edição 2/3
Col. Novo Banco, Lisboa
21.
MAURO CERQUEIRA
Fogo nos Olhos, 2015
Série de 12 desenhos
31 x 41 cm (cada)
Cortesia do artista e Galeria Nuno Centeno, Porto
22.
LUÍS PAULO COSTA
Troco de dois cafés, 2022
Dois tijolos de cimento, óleo sobre tela, acrílico sobre papel, acrílico sobre moedas,
40,2 x 27 x 52 cm
Cortesia Galeria 111, Lisboa
23.
FÁBIO COLAÇO
A copper-plated golden cent put into circulation, 2017
Impressão jato de tinta em papel fine art
30,5 x 20,5 cm
Cortesia do artista
24.
FÁBIO COLAÇO
Golden Cent, 2017
Gold cast
ø 16,25 mm
Cortesia do artista
25.
RITA GT
Untitled (I've got it all), 2006
Impressão duratrans em caixa de luz
100 x 100 cm
Col. PLMJ
26.
LUÍS PAULO COSTA
Dois cafés VII, 2024
Dois tijolos, duas placas de mosaico cerâmico, óleo sobre tela, acrílico sobre moedas
25 x 33,5 x 33,5 cm
Cortesia Galeria 111, Lisboa
27.
LEONOR ANTUNES
1785 / 87 / 90, 2010
Livro de artista, impresso em páginas têxteis, fio de algodão
33 x 23,5 cm (fechado), 33 x 166 cm (aberto)
Cortesia da Artista
[O livro de artista pode ser manuseado com luvas de algodão.]
28.
ANTÓNIO CONTADOR & CARLA CRUZ
Finding Money, novi-coin "London" (frente), 2023
Impressão digital em papel Ilford Gold Silk,
110 x 86 cm
Edição 1/5
Cortesia dos artistas
29.
LUÍS PAULO COSTA
Dois cafés III, 2022
Uma enciclopédia em dois volumes, uma resma de folhas de papel, óleo sobre tela, acrílico sobre moedas
16 x 27 x 35 cm
Cortesia Galeria 111, Lisboa
30.
ANTÓNIO CONTADOR & CARLA CRUZ
Finding Money, novi-coin "London" (verso), 2013
Impressão digital em papel Ilford Gold Silk,
110 x 86 cm
Edição 1/5
Cortesia dos artistas
31.
LUÍS PAULO COSTA
Dois cafés VIII, 2024
Acrílico sobre placas de MDF, acrílico sobre tela, dicionário, tampa de plástico, acrílico sobre moedas
28 x 25,2 x 25,2 cm
Cortesia Galeria 111, Lisboa
32.
NUNO HENRIQUE
Objectos Celestes, 2018–2024
Livro de artista, exemplar único, 108 páginas. Papel artesanal (100% algodão, mistura de polpas tingidas com diferentes colorações, com adição de recortes em papel) produzido pelo artista na Dobbin Mill (Brooklyn), tinta-da-china, marcador preto e grafite sobre papel, impressão fotográfica, encadernação do artista, saco em tecido de algodão e espuma volara. Mesa com estrutura metálica e tampo forrado a tecido.
Livro: 62,5 x 42 x 3,5 cm;
mesa: 250 x 76 x 93 cm
Cortesia do artista
[O livro de artista pode ser consultado com as mãos limpas e com a ajuda de um técnico de mediação da exposição.]
33.
LUÍS PAULO COSTA
Dois cafés V, 2023
Acrílico sobre moedas
dimensões variáveis
Cortesia Galeria 111, Lisboa

GALERIAS MUNICIPAIS – GALERIA QUADRUM

Palácio dos Coruchéus
Rua Alberto de Oliveira, 52
1700-019 Lisboa

Terça-feira a Domingo 10h-13h e 14h-18h
Entrada Livre

Visitas guiadas por marcação
mediacao@galeriasmunicipais.pt

www.galeriasmunicipais.pt